



INTERFACES ENTRE A ARTE SEQUENCIAL E A TEOLOGIA¹

INTERFACES BETWEEN SEQUENTIAL ART AND THEOLOGY

Charles Klemz²

Wagner Fernando Kind Strelow³

Resumo:

O artigo reflete sobre as narrativas da arte sequencial e as suas relações com temas teológicos. Com grande alcance popular e, por isso, referida como propagadora de cultura pop, a arte sequencial, uma modalidade artística com o encadeamento de imagens sequenciais, como filmes, histórias em quadrinho e tirinhas de jornal, é uma forma de contar histórias que podem trazer temáticas inerentes à Teologia. A pergunta que se coloca é acerca da intencionalidade na arte sequencial com a temática teológica. Para verificar essa intencionalidade, o artigo destaca o método de análise para artefatos culturais, o Método Cartográfico-Crítico, uma forma científica de analisar a cultura pop e as intenções das pessoas autoras. Por fim, enfoca o cinema e as relações possíveis com a Teologia, para a reflexão de temas teológicos, inclusive em momentos formais de pregação e de culto.

Palavras-chave: Teologia. Arte sequencial. Intencionalidade. Pregação.

Abstract:

The article reflects about the narratives of sequential art and their relations with theological topics. Sequential art has a great reach amongst the population and therefore is referred to as a disseminator of pop culture; this artistic modality, which encompasses sequential images, like movies, comic stories and newspaper columns, is a way of storytelling able to encompass topics inherent to Theology. The question asked is about the intentionality of sequential art whilst dealing with the theological topics. To verify this intentionality, the article exposes the analytical method for cultural artifacts, the Cartographical-Critical Method, a scientific form of analysis of pop culture and intentions of the authorship. Finally, it emphasizes cinema and its possible relations with Theology towards reflexion about theological topics, including during formal moments of preaching and service.

Keywords: Theology. Sequential art. Intentionality. Preaching.

¹ Enviado em: 08.06.2020. Aceito em: 22.01.2021.

² Doutorando e Mestre em Teologia pela Faculdade EST (São Leopoldo, RS). Graduado em Teologia e Pedagogia. Professor Assistente nas Faculdades EST nos cursos de Especialização (Lato Sensu) e Graduação (EaD) em Teologia e Ciências da Religião. Contato: charles@est.edu.br

³ Mestre e Graduado em Teologia pela Faculdade EST (São Leopoldo, RS). Contato: wagner.strelow@flt.edu.br

INTRODUÇÃO

“A arte é a ressurreição da vida eterna.”

Michel Henry⁴

A arte sequencial⁵ está presente de forma maciça nas mídias e, por conseguinte, na vida das pessoas. A religião e a religiosidade permeiam o cotidiano das pessoas e são influenciadas pelas mídias, sejam digitais, televisivas ou impressas. Assim, tais mídias carregam consigo não apenas uma distração, mas fazem delas um meio de difundir alguma ideia ou crença.

A pergunta que se coloca é: como se dá essa “pregação” na arte sequencial? Há a utilização da Palavra de Deus de forma direta, na produção de arte sequencial com origem religiosa, de alguma crença. Por outro lado, há temas que dizem respeito à religião, religiosidade ou à Teologia, mas que são abordados sem uma origem ou confissão religiosa, apenas como forma de colocar o tema em evidência.

O presente artigo reflete sobre a intencionalidade em narrativas da arte sequencial, como os quadrinhos, e destaca um método de análise para estas narrativas, o Método Cartográfico-Crítico, de Iuri Andréas Reblin.⁶ Em seguida, destaca especificamente o cinema, um dos meios da arte sequencial, e as possibilidades de “pregação” da Palavra (ou palavra)⁷, ou seja, quando se dá a partir do texto bíblico ou de confissão religiosa, ou quando apenas há temas de interesse da Teologia, temas estes abordados a partir do cotidiano das pessoas.

A INTENCIONALIDADE NA ARTE SEQUENCIAL

A literatura e a produção da ficção, em geral, se baseiam em um tácito acordo mútuo que consiste em que locutor e interlocutor finjam, respectivamente, relatar uma história real e crer no relato, explica Umberto Eco.⁸ Prossegue o autor afirmando que a obra de ficção tem limites – quem a lê precisa ficar atido aos limites do mundo ficcional criado, não esperando que situações, personagens ou ações fora deste ocorram. Contudo, há obras de ficção que abandonam os limites da lógica própria do mundo da ficção, criando situações absurdas, isto é, autocontraditórias.⁹ Há também momentos onde figuras e situações são implícitas sem aparecer verbalmente no texto, enquanto outros elementos não são tão óbvios na mesma obra, contudo o aparentam na vida real. Outro elemento característico da ficção é o fechamento em si. Trata-se de um mundo ficcional que

⁴ HENRY, Michel. *Ver o invisível: sobre Kandinsky*. São Paulo: É Realizações, 2012. p. 182.

⁵ Arte sequencial é um termo criado por Will Eisner que “[...] se refere à modalidade artística que usa o encadeamento de imagens em sequência para contar uma história ou transmitir uma informação graficamente. O melhor exemplo de arte sequencial são as histórias em quadrinhos – HQs, que são composições impressas de desenhos e textos utilizando balões de diálogo, especificamente em revistas em quadrinhos e nas tirinhas de jornais. O termo pode ser aplicado a outros meios, como filmes, animação e *storyboards*. A arte sequencial existe há milênios e os primeiros exemplos, depois das pinturas das cavernas, são os hieróglifos egípcios, pinturas e imagens dos americanos pré-colombianos.” DANSA, Salmo. *Arte sequencial*. *Educação Pública*, CECIERJ, 2013. Disponível em: http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao_artistica/0045.html. Acesso em 05 out. 2019. s/p.

⁶ REBLIN, Iuri Andréas. *Histórias em quadrinhos: perspectivas religiosas e possibilidades hermenêuticas*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2019.

⁷ A grafia em letra maiúscula se refere à Palavra das Sagradas Escrituras, enquanto em letra minúscula para temas do cotidiano.

⁸ ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Schwarcz, 1994. p. 81.

⁹ ECO, 1994, p. 83-88.

somente é descrito – excetuando alguns casos isolados – à medida que interesse à desenvoltura da narrativa, o que não é a recorrente no mundo real.¹⁰

O mito não tem o interesse de reproduzir o mundo real, e sim, de “[...] encontrar uma forma no tumulto da existência humana”.¹¹ O próprio conceito de verdade tem suas limitações, bastando que cada relato tenha consistência dentro de si a ponto de gerar uma história cronologicamente e racionalmente recontável.¹² No mundo real, grande parte da apreensão e compreensão do mundo se dá pela experiência alheia, gravada em testemunhos de diferentes épocas, desde a antiguidade até o presente.¹³ O romance tem uma estrutura aletológica mais simples, e, por isto, é mais confortável que o mundo real, onde quase tudo pode ser contestado.¹⁴ A dificuldade entra em cena quando o romance histórico – ou seja, uma obra com personagens oriundos da ficção, porém situada em um tempo e espaço histórico e, às vezes, com personagens correspondentes a pessoas da época – trai a realidade histórica e omite ou adiciona erroneamente fatos concretos importantes para a desenvoltura do romance. Normalmente se opta por tratar este erro por parte da ficção.¹⁵ Quando a situação histórica é tão distorcida que personagens de tempos completamente alheios um ao outro se encontram, ou outras situações grotescamente erradas do ponto de vista mesmo de quem não é historiador, tem-se uma história fictícia.¹⁶ E cada escritor pressupõe um saber anterior para interpretar o seu texto, que varia em quantidade e qualidade.¹⁷ Quando há um aparente erro no texto, ou mais, uma possibilidade de que se trate de uma mensagem criptografada – a partir da assunção desta hipótese, qualquer mensagem pode ser decifrada.¹⁸

Neste contexto, a religião, presente em narrativas culturais, pode levar as pessoas a confundir ficção com narrativas sagradas. Esta “união” entre religião (ou Teologia) com a ficção pode se tornar um amálgama perigoso e, por isso, o uso de um método de análise se faz necessário para compreender os elementos religiosos em artefatos culturais. Isso porque o ser humano busca constantemente em seus semelhantes um tipo ideal, a síntese do bem. Sente a necessidade de personificar conceitos relacionados à ética e à moral, de forma que um ser (humano) seja o exemplo a ser seguido.

Obras de ficção, principalmente as de super-heróis, evidenciam modelos ou personificações de justiça. Muitas vezes tais modelos são baseados em figuras religiosas. O romance popular surge para consolar a humanidade, que sempre tem um final feliz e como protagonista o “super-homem de massa” – este personagem atua salvando indivíduos, sem melhorar a sociedade que produz as situações geradoras dos suplícios destes indivíduos.¹⁹ O Super-Homem é um exemplo evidente: é um super-herói fictício de histórias em quadrinhos americanas, da DC Comics. Ele nasceu no planeta fictício de *Krypton* e tinha o nome de *Kal-El* (“pequeno super-homem, pequena estrela, filho das estrelas” - o sufixo “El” significa Deus, em hebraico). Foi enviado a Terra por seu pai, *Jor-El* (“o que chegará a ser deus”), um cientista (aquele que detém conhecimento?). Um foguete (a luz)

¹⁰ ECO, 1994, p. 89-92.

¹¹ ECO, 1994, p. 93.

¹² ECO, 1994, p. 94-95.

¹³ ECO, 1994, p. 95-96.

¹⁴ ECO, 1994, p. 97.

¹⁵ ECO, 1994, p. 112-113.

¹⁶ ECO, 1994, p. 114.

¹⁷ ECO, 1994, p. 116.

¹⁸ ECO, 1994, p. 122.

¹⁹ REBLIN, Iuri Andréas. Nos versos de um multiverso em expansão: a teologia e as histórias em quadrinhos. In: CALDAS, Carlos (Org.). *Teologia Nerd*. São Paulo: Garimpo, 2015^a, p. 74ss.

cruzou o céu até cair na cidade de *Smallville*. Lá foi criado pelo casal de fazendeiros Jonathan (João?) e Martha Kent. Viveu como Clark Kent, repórter (um comunicador) profissional no Planeta Diário. Qualquer semelhança é mera coincidência?

A religião, e, por conseguinte, a teologia, conforme Iuri Andréas Reblin²⁰, são partes da vida do ser humano. Por isso, não podem ser ignoradas na análise da realidade – religião e teologia fazem parte da cosmovisão de cada ser humano que é influenciada por histórias de ficção, como as do Super Homem. Porém, o ser humano não busca apoio em histórias de ficção, ou personagens da ficção quando o medo se instala. Reblin²¹ menciona que é na religião - não necessariamente dogmatizada – que a humanidade busca conforto ante o medo. Nas histórias em quadrinhos, destaca Reblin²², tanto um tema teológico pode ser tratado no enredo – como é o caso das muitas Bíblias em quadrinhos ou mangá, e das biografias de figuras religiosas, como a teologia/religião pode aparecer satirizada, nas entrelinhas, não sendo o tema central do texto, apenas aparecendo, por exemplo, na piedade de um personagem.

Fato é que há uma intencionalidade na produção de artefatos culturais.²³ A narrativa tem o poder de mudar a opinião e cosmovisão do interlocutor²⁴ e, acrescenta-se, independente do meio desta narrativa, se escrita, visual ou auditiva. Igualmente independente se se trata de uma narrativa ficcional, ou simplesmente uma narrativa sequencial para destacar algum tema. As tiras de humor, por exemplo, são carregadas de críticas usando a ironia ou o humor. Um exemplo são as tiras da Mafalda, do argentino Quino, que “[...] se utiliza da ironia como recurso para produzir humor e crítica”²⁵, assim como as do Snoopy, de Charles Schulz. As Figuras 1 e 2 expõem uma narrativa acerca da morte num diálogo entre as personagens de Charlie Brown e Lucy, se após a morte também os insetos, que foram mortos pelos humanos por temê-los em vida, estarão no céu. O temor seria uma possível “retaliação das suas vítimas”.

²⁰ REBLIN, 2015a, p. 71-90.

²¹ REBLIN, 2015a, p. 74-75.

²² REBLIN, 2015a, p. 85-88.

²³ Por artefatos culturais compreende-se a produção de materiais culturais pelo ser humano, ou seja, materiais que são formas de expressão cultural. Esses materiais fornecem, também, informações sobre a cultura da pessoa criadora e das pessoas usuárias. “Encontramos artefatos culturais em diferentes instâncias do nosso cotidiano, visto que, todo processo cultural como museus, jornais, revistas, televisão, livros, propagandas publicitárias, currículos escolares, filmes, música, internet, entre outros, são entendidos como artefatos. Todos esses artefatos culturais acabam nos educando, de uma maneira ou de outra somos capturados pelas pedagogias culturais que ai circulam.” ARANA, Ariane Pickersgill; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. Filhos transgêneros merecem aceitação, respeito e amor: análise da reportagem do site dicas de mulher. *Momento-Diálogos em Educação*, v. 27, n. 1, p. 335-350, 2018; p. 338.

²⁴ REBLIN, Iuri Andréas. *O alienígena e o menino*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015c, p. 109-110.

²⁵ BOHM, Geverson Tobias. *Ética nas histórias em quadrinhos: uma análise das tiras do álbum 'Toda Mafalda'*, de Quino. São Leopoldo, RS, 2017. 70 p. Dissertação (Mestrado Profissional) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/855/1/bohm_gt_tmp547.pdf Acesso em: 10 ago. 2018, p. 23.



Figura 1: Morte, medo e vingança²⁶

Fonte: Schulz, 2012, p. 43.

Charlie acredita na vida após a morte, no céu como morada. Mas isso vale para todos os seres vivos?



Figura 2: Morte, medo e vingança, o final

Fonte: Schulz, 2012, p. 44

Lucy primeiro pensa no pedido de desculpas que teria que fazer, demonstrando que se redimir não é algo da sua pessoa. Por outro lado, a vida no céu seria uma extensão da vida na terra, já que todos os seres vivos ali se encontrariam. Para não precisar se redimir, pede ao amigo que mate a aranha que lhe está despertando medo.

²⁶ O título das figuras com as tiras de Snoopy são de autoria própria a partir da leitura que se fez da tira. Nas obras consultadas as tiras não possuem título. SCHULZ, Charles M. *Snoopy – É Natal*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

A partir do exemplo aparentemente ingênuo, numa tira de humor, percebe-se a dúvida colocada sobre a vida após a morte e sobre o ato de pedir desculpas ou perdão, temas teológicos. A literatura, o cinema, a arte e a cultura pop em geral, podem, portanto, corroborar as verdades bíblicas e reproduzi-las através de produtos culturais. Reblin menciona que tanto a teologia como a superaventura são artes de se contar uma história, para se entender o mundo e, assim, “[...] abrigar retratos de humanidade e concepções de mundo.”²⁷ Desta forma, é possível relacionar teologia com as superaventuras (e quadrinhos em geral) e identificar influências da teologia em produções da cultura pop. Ela acaba reproduzindo, a partir da visão da pessoa autora, temáticas teológicas-religiosas a partir de “[...] uma narrativa própria da era contemporânea.”²⁸ Por isso, Reblin articula a teologia nas narrativas da cultura pop como teologia do cotidiano:

[...] um termo formal que alude à percepção de uma teologia que se imiscui nos meandros da vida cotidiana; trata-se de uma teologia constituída pelo sujeito ordinário no dia a dia e expressa das mais diferentes maneiras. Em outras palavras, as pessoas em sua vida diária não “apenas” têm experiências e vivências religiosas, mas procuram elaborar para si e para outros, o que essas experiências significam.²⁹

Conforme Voelz³⁰, a pessoa leitora, a partir da sua realidade e experiência, lê os sinais de um determinado texto e dá sentido a eles para a sua experiência de vida. Nesse sentido, a pessoa autora influencia diretamente na elaboração de significados por parte da pessoa leitora. O mesmo vale para outros artefatos culturais, como artes plásticas ou cinema.

Reblin³¹ propõe uma metodologia de análise da cultura pop, o Método Cartográfico-Crítico. Trata-se de um mapeamento da obra a fim de verificar como se dá a epistemologia do religioso na cultura pop. Através deste método é possível realizar uma hermenêutica das produções culturais. Entre as etapas a serem seguidas para o estudo cartográfico, estão: a leitura da obra, o estudo da mesma, contemplando a estrutura da narrativa, o contexto criativo (estudando a relação do texto – ou vídeo – com o contexto) contemplando a autoria, o uso que faz das fontes, o contexto de criação da narrativa, além de aspectos relacionados à narrativa, sobre como foi criada, em que condições foi publicada/divulgada, entre outros aspectos. *No que tange especificamente à análise teológica da obra*, Reblin elenca cinco eixos que envolvem, respectivamente, o protagonista, o mal, a salvação, a escatologia e a eclesiologia:

(Te)ontologia: o conceito do ser herói, do protagonista principal, suas características, como se constitui o ser que torna o personagem principal um herói ou super-herói. Hamartiologia: o conceito de mal presente na história. Soteriologia: o conceito de salvação presente na história. Escatologia: o conceito de esperança presente na história. Eclesiologia: o impacto interpretativo e o uso do significado da história no cotidiano do fandom (trata-se de estudo de receptividade, se for o caso).³²

²⁷ REBLIN, Iuri Andréas. Perspectivas hermenêuticas acerca da representação religiosa nas histórias em quadrinho, p. 75-101. In: REBLIN, Iuri Andréas; RODRIGUES, Márcio dos Santos (Orgs.). *Arte sequencial em perspectiva multidisciplinar*. Leopoldina, MG: ASPAS, 2015b. (Ensaio acadêmico 1). Disponível em: <http://catalogo.est.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/000000/0000001d.pdf>. Acesso em 10 jul. 2018, p. 75.

²⁸ REBLIN, 2015b, p. 116.

²⁹ REBLIN, 2015b, p. 88-89.

³⁰ VOELZ, James W. Multiple Signs and Double Texts: Elements of Intertextuality. In: DRAISMA, S. (Ed.). *Intertextuality in biblical writings*. Essays in honours of Bas van Iersel. Uitgeversmaatschappij J. H. Kok - Kampen Omslag Henk Blekkenhorst, 1989.

³¹ REBLIN, 2019.

³² REBLIN, 2019, p. 114.

A estes elementos para análise teológica, atenta-se, ainda, para aspectos levantados por Adam³³, no caso, a pregação e a promessa inseridas nas narrativas da cultura pop. Qual o tipo de pregação? Qual o tipo de promessa? Adam destaca:

- a) a prédica escatológica/transcendentalista, uma promessa para o além, para o fim dos tempos;
- b) a prédica humanista e de libertação, na dimensão da luta sociopolítica de transformação do presente;
- c) prédica individualista, como realização material e satisfação hedonista.

Adam³⁴ ressalta que as palavras faladas e escritas sobre a vida na cultura são a base para a “pregação”. Salienta Adam que a base não é o texto bíblico, mas “[...] palavras que nascem de dentro da vida [...]”³⁵, e, por isso, falam também da realidade. Nesse sentido, caso tratem da liberdade ou da libertação, acabam recriando a promessa do Reino.

Por isso é importante seguir um método para analisar os artefatos culturais, para conhecer qual a palavra (ou Palavra) que está sendo pregada. Há que se ter o conhecimento do todo da obra, desde a pessoa autora, contexto social, político, econômico e cultural, para, então, compreender que, no caso de uma tira de humor, por exemplo, não se trata de satirizar o elemento religioso, mas de inseri-lo no cotidiano das personagens que são, de certa forma, espelho da sociedade.

CINEMA E TEOLOGIA

Os artefatos culturais, como o cinema, acabam produzindo conteúdos que refletem questionamentos humanos e, enquanto arte e cultura, permite a utilização de elementos não acadêmicos e na esfera da especulação e até de exageros. A cidade proporcionou o desenvolvimento de novas técnicas de armazenamento de saber, começando pela escrita. A manifestação religiosa está intrinsecamente ligada ao veículo pelo qual é transmitida.³⁶ Igualmente, a progressão do tempo traz novas tecnologias que proporcionam novas formas de veicular conteúdo.³⁷ Assim, o cinema serve para veicular a maioria dos mitos de hoje em dia, enquanto antigamente reinava apenas a escrita e o conto oral.³⁸ Intrinsecamente voltado para a realidade urbana, ele é chamado com razão de criador de pensamento; o fim dele não é o fim da reflexão, mas pode instigar a outras reflexões a partir do que é mostrado na tela.³⁹

Ganzevoort⁴⁰ destaca que não está esclarecido como a religião funciona e é retratada, de fato, na cultura pop e nos meios de comunicação. Sugere a necessidade de se reconsiderar os conceitos de “religião” e “religioso” porque tais conceitos, tradicionais de religião, não fariam sentido na esfera da cultura pop e da comunicação. Assim, pergunta como distinguir entre

³³ ADAM, Júlio César. Pregação e Promessa: A prédica escatológica da libertação, da prosperidade e da cultura pop. *Perspectiva Teológica*, v. 49, p. 399-419, 2017.

³⁴ ADAM, 2017, p. 415.

³⁵ ADAM, 2017, p. 415.

³⁶ SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos. Cinema e teologia: por que tratar de cinema numa teologia da cidade? In: ZWETSCH, Roberto E. (Org.). *Cenários urbanos: realidade e esperança. Desafios às comunidades cristãs*. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2014, p. 253-245.

³⁷ SANTOS, 2014, p. 245-246.

³⁸ SANTOS, 2014, p. 246-247.

³⁹ SANTOS, 2014, p. 250-253.

⁴⁰ GANZEVOORT, R. Ruard. Molduras para os Deuses: o significado do público da religião desde um ponto de vista cultural. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, jul./dez. 2016, p. 358-375.

conteúdos e funções religiosas e não religiosas? Por conta disso, acrescenta-se a pergunta: será que realmente se trata de elementos religiosos? Um pressuposto para tentar responder à questão pode estar na intencionalidade da pessoa autora com a publicação da sua arte sequencial. Averiguar se há um motivo religioso ou teológico por parte da pessoa autora.

A experiência deve emocionar, tocar os sentimentos. Isso vale para a expressão religiosa na arte sequencial. Essa arte parece possuir maior facilidade para “ativar” as emoções do que a religião tradicional. O profano, portanto, acaba atingindo o ser humano de forma mais intensa do que a religião. Pode-se especular – ou lançar uma hipótese – que a exploração dos sentimentos acabam sendo uma forma de envolver as pessoas.

Júlio César Adam, a partir de autores como Georg Seeslen e Joe Marçal Gonçalves dos Santos, destaca que o cinema será a religião do futuro e produzida em Hollywood, de modo que a igreja deveria considerar o cinema como meio devido à sua capacidade de transmitir histórias.⁴¹ Adam destaca que a religião, na cultura pop, possui três funções que, em parte, são engolfadas pelo cinema: as funções social, hermenêutica e transcendente. O cinema aborda temas que antes foram abordados pela liturgia cristã; ele se torna um substituto da religião. O culto é “darstellendes Handeln”, uma ação representativa.⁴² O cinema pode ser a mesma coisa. O culto gera comunhão e uma área de socialidade – o cinema faz o mesmo. Um culto é o momento, por definição, de vivenciar espiritualidade – em alguns casos e situações, sem preferência por uma única tradição religiosa, o cinema pode servir analogamente.⁴³

Por isso, a experiência religiosa vai ser a grande marca da evolução humana, pois é nela que se descobre uma nova maneira de ser perante o mundo. O homem rejeita a natureza como estrutura final e passa a nortear sua vida pelo ideal, pelo imaginário, pela ficção. Passa a buscar um mundo, ao invés de simplesmente viver e sobreviver neste.⁴⁴

Nesse sentido, Adam reflete que o cinema desempenha o mesmo papel que a Igreja Medieval desempenhou, ou seja, o de decodificar o mundo e a vida. A partir de Adam é possível afirmar que a ficção científica é o metarrelato que substitui, de certa forma, a experiência numinosa, ao permitir adentrar o terreno que antes apenas estava acessível aos representantes da religião.⁴⁵

A diferença entre ficção científica, que lida com conceitos ficcionais e imaginativos, e religião, que trata das narrativas acerca de Deus, é muito menor que se imagina – ambas buscam uma razão, uma forma de interpretar, uma “chave hermenêutica” para a realidade.⁴⁶ Adam, para se aproveitar e apropriar dos benefícios do cinema, apresenta dois caminhos metodológicos diferentes: o “culto-filme” - um culto tematizado ao redor da apresentação de um filme⁴⁷ – e o “videodrama”⁴⁸ uma abordagem de um texto bíblico mediante a edição de um vídeo. Ressalta que:

[...] nenhuma das propostas é feita de forma isolada, por uma pessoa. Ambas as propostas são feitas em grupo, em equipe, e o processo de construção é tão ou mais importante que

⁴¹ ADAM, Júlio César. Arte sequencial e liturgia: uma reflexão teológico-prática sobre a relação entre o cinema e o culto cristão. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 1, jan./jun. 2016, p. 71-72.

⁴² ADAM, 2016, p. 72.

⁴³ ADAM, 2016, p. 74-76.

⁴⁴ ADAM, Júlio César. Da ficção científica para a ficção religiosa: ideias para pensar o cinema de ficção científica como o culto da religião vivida. *Horizontes*, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, abr./jun. 2012b, p. 554.

⁴⁵ ADAM, 2012b.

⁴⁶ ADAM, 2012b, p. 556.

⁴⁷ ADAM, 2016, p. 79-80.

⁴⁸ ADAM, 2016, p. 80-81.

o próprio resultado, algo que condiz com a essência do culto cristão. O culto pertence à sua comunidade e não ao seu ministro ou ministra. Em ambas as propostas tem algo de constelação e montagem; combinam-se elementos de diferentes procedências, como a tradição litúrgica e bíblica, e elementos da cultura e as narrativas pessoais e coletivas na construção do filme e na moldagem da liturgia. Há algo da essência do próprio cinema e da própria liturgia, como uma arte fragmentária que reúne e congrega todas as outras artes – pintura, teatro, ópera, dança, música, fotografia, arquitetura, etc. – na construção de uma obra, que, por sua vez, dialoga com a cultura, a sociedade, os grupos e os indivíduos. Em tempos de *crise litúrgica* – em especial nas igrejas históricas e principalmente dos públicos jovens – e de grande interesse pelo cinema, me parece não só interessante, mas algo pertinente e prudente estabelecer relações entre o cinema e o culto cristão.⁴⁹

Concorda-se com Adam acerca das relações entre o cinema e o culto cristão, quando afirma que cinema é comunicação, é uma forma de reproduzir algum conteúdo, no caso em questão, teologia, religião, e até vivência em comunidade, pois reúne as pessoas em torno de um filme para reflexão. O cinema, como meio, faz parte da mensagem, ou seja, é tão mensagem quanto o conteúdo em si. Há as igrejas neopentecostais que se instalaram em antigos cinemas, por exemplo.⁵⁰ E qual seria a relação das pessoas com o objeto que está sendo assistido? Meros espectadores? O lugar em que o filme (o culto) é assistido também é a mensagem:⁵¹ um filme de terror, por exemplo, terá mais impacto se assistido num ambiente escuro. Dependendo onde o filme for passado, a mensagem “pega” mais ou não. Assim, o medo, a violência, o sexo e o amor no cinema são sentimentos que, dependendo do lugar em que é assistido, pode passar uma mensagem diferente. O mesmo pode ocorrer com um filme assistido na igreja ou no cinema. A perspectiva de análise muda. Destaca-se que ir ao cinema, assim como ir ao culto, tem algo de litúrgico:

O ato de ir ao cinema, assistir a um filme, em casa que seja, tem algo de litúrgico, de cúlto, de ritual. A religião se expressa através de conteúdos, e principalmente através de ritos (não esqueçamos que antes do conteúdo existiu o rito!). Poderíamos assim, de fato pensar o cinema como um culto através do qual não só nos encontramos com outros que comungam de uma mesma “crença” e busca, mas nos encontramos com o transcendente, com o mistério da vida que vai além da capacidade de absorção humana. [...] Como rito litúrgico da contemporaneidade, o cinema está contando mais do que simples e envolvente história. A narrativa cinematográfica enreda seus espectadores em uma aura de transcendência e sentido.⁵²

Assim como a arte sequencial, e especificamente o cinema, se apropriou de temas da Teologia para chamar as pessoas e contar a sua história, a Teologia pode fazer o mesmo caminho, apropriar-se das formas da arte sequencial para também chamar as pessoas e pregar o Evangelho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teologia está na arte sequencial e na cultura pop em geral. Temas teológicos, religião, religiosidade e espiritualidade são “ingredientes” atrativos na formulação de roteiros. Apela ao

⁴⁹ ADAM, 2016, p. 82.

⁵⁰ Ricardo Mariano destaca, ainda, antigos teatros e outros prédios desativados utilizados por religiões neopentecostais “[...] para cultuar e pleitear graças a Deus [...]”. MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 223.

⁵¹ Numa alusão à expressão de que o meio é a mensagem, de Marshall McLuhan. MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

⁵² ADAM, Júlio César. Cinema: forma sutil de culto. *IHU Online*, n. 412, 18 dezembro de 2012a. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4835-julio-cezar-adam>. Acesso em: 01 dez. 2019. s/p.

mistério e mexem com as emoções das pessoas, assim como a religião faz com as pessoas. Nesse sentido, analisar a intencionalidade na arte sequencial, a partir de um método científico, como o Método Cartográfico-Crítico, se mostra fundamental para separar distinguir entre o que se mostra como mero entretenimento, ou crítica, ou ainda, como forma de divulgar ou expor determinada crença e gerar dúvidas nas pessoas.

Particularmente o cinema tem explorado temas teológicos de forma abundante, repetindo a “fórmula” da vinda de um salvador do mundo, com poderes que fogem às capacidades normais, físicas ou mentais, das pessoas. São filmes que exacerbam as emoções, mexendo com a psique das pessoas e, até mesmo, com a espiritualidade. No entanto, não somente o filme em si mexe com as emoções, mas o ritual próprio de ir ao cinema, a sala escura, o som de qualidade e a cadeira confortável induzem às pessoas a se envolverem ao máximo com a trama cinematográfica.

Essa fórmula dá tão certo que igrejas acabam copiando o modelo, desde o templo em formato de cinema, como um ritual semelhante, com imagens e sons cativantes e uma história contada de forma envolvente com um final feliz, de salvação prometida para todas as pessoas. Tais igrejas investem em sua mídia particular. Além disso, os sujeitos dessas igrejas criam as suas mídias particulares também. E mesmo as mídias tradicionais são levadas a criar outras mídias para concorrer com a inserção de novos sujeitos ou instituições sociais na mídia. Enfim, assim como a arte sequencial absorveu muito da Teologia para atrair as pessoas, agora é a vez da Teologia absorver a arte sequencial e as suas formas de interação com as pessoas.

REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio César. Arte sequencial e liturgia: uma reflexão teológico-prática sobre a relação entre o cinema e o culto cristão. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 1, jan./jun. 2016, p. 69-84.

ADAM, Júlio César. Cinema: forma sutil de culto. *IHU Online*, n. 412, 18 dezembro de 2012a. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4835-julio-cezar-adam>. Acesso em: 01 dez. 2019.

ADAM, Júlio César. Da ficção científica para a ficção religiosa: ideias para pensar o cinema de ficção científica como o culto da religião vivida. *Horizontes*, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, abr./jun. 2012b, p. 552-565.

ADAM, Júlio César. Pregação e Promessa: A prédica escatológica da libertação, da prosperidade e da cultura pop. *Perspectiva Teológica*, v. 49, 2017, p. 399-419.

ARANA, Ariane Pickersgill; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. Filhos transgêneros merecem aceitação, respeito e amor: análise da reportagem do site dicas de mulher. *Momento-Diálogos em Educação*, v. 27, n. 1, 2018, p. 335-350.

BOHM, Geverson Tobias. *Ética nas histórias em quadrinhos: uma análise das tiras do álbum 'Toda Mafalda'*, de Quino. São Leopoldo, RS, 2017. 70 p. Dissertação (Mestrado Profissional) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/855/1/bohm_gt_tmp547.pdf Acesso em: 10 ago. 2018.

DANSA, Salmo. Arte sequencial. *Educação Pública*, CECIERJ, 2013. Disponível em: http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao_artistica/0045.html. Acesso em: 05 out. 2019.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Schwarcz, 1994.

- GANZEVOORT, R. Ruard. Molduras para os Deuses: o significado do público da religião desde um ponto de vista cultural. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, jul./dez. 2016, p. 358-375.
- HENRY, Michel. *Ver o invisível: sobre Kandinsky*. São Paulo: É Realizações, 2012.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.
- REBLIN, Iuri Andréas. Nos versos de um multiverso em expansão: a teologia e as histórias em quadrinhos. In: CALDAS, Carlos (Org.). *Teologia Nerd*. São Paulo: Garimpo, 2015a.
- REBLIN, Iuri Andréas. Perspectivas hermenêuticas acerca da representação religiosa nas histórias em quadrinho. p. 75-101. In: REBLIN, Iuri Andréas; RODRIGUES, Márcio dos Santos (Orgs.). *Arte sequencial em perspectiva multidisciplinar*. Leopoldina, MG: ASPAS, 2015b. (Ensaio acadêmico 1). Disponível em: <http://catalogo.est.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/000000/0000001d.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- REBLIN, Iuri Andréas. *O alienígena e o menino*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015c.
- REBLIN, Iuri Andréas. *Histórias em quadrinhos: perspectivas religiosas e possibilidades hermenêuticas*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2019.
- SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos. Cinema e teologia: por que tratar de cinema numa teologia da cidade? In: ZWETSCH, Roberto E. (Org.). *Cenários urbanos: realidade e esperança. Desafios às comunidades cristãs*. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2014.
- SCHULZ, Charles M. *Snoopy – É Natal*. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- VOELZ, James W. Multiple Signs and Double Texts: Elements of Intertextuality. In: DRAISMA, S. (Ed.). *Intertextuality in biblical writings. Essays in honours of Bas van Iersel*. Uitgeversmaatschappij J. H. Kok - Kampen Omslag Henk Blekkenhorst, 1989.